

FORMAÇÃO DISCURSIVA DO SUL GLOBAL: A DETERMINAÇÃO IDEOLÓGICA NO DISCURSO DE LULA NA 78ª ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

DISCURSIVE FORMATION OF THE GLOBAL SOUTH: IDEOLOGICAL DETERMINATION IN LULA'S DISCOURSE AT THE 78TH UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY

Zukleia Pereira Cabral Cipriano¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este estudo propõe a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, formulada por Michel Pêcheux, como arcabouço teórico e metodológico para analisar o pronunciamento do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 78ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 19 de setembro de 2023. A pesquisa, classificada como qualitativa, de natureza interpretativa, consta para investigar como o sujeito-Lula se constitui discursivamente e de que maneira os enunciados presidenciais se inscrevem em uma Formação Discursiva (FD), determinada pela ideologia e pela história. Para tal, o foco analítico reside na operacionalização das categorias de Pré-construído, Metáfora, Paráfrase e/ou Posição-sujeito. A análise evidencia que a retomada de *slogans* como “o Brasil está de volta” atua como um mecanismo de Paráfrase que busca reinscrever o país na cena internacional a partir de uma formação ideológica antiliberal. Demonstra-se, por fim, um discurso que reafirma a Formação Discursiva do Sul Global, em que o enunciador se configura como porta-voz de um novo alinhamento geopolítico e que desvenda a luta ideológica.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Michel Pêcheux; Formação Discursiva; Geopolítica; Luiz Inácio Lula da Silva.

Abstract: This study proposes French-line Discourse Analysis (DA), as formulated by Michel Pêcheux, as the theoretical and methodological framework for analyzing the speech delivered by President Luiz Inácio Lula da Silva at the 78th General Assembly of the United Nations (UN), on September 19, 2023. The research, classified as qualitative and interpretive in nature, seeks to investigate how the subject-Lula is discursively constituted and how the presidential utterances are inscribed in a Discursive Formation (DF) determined by ideology and history. To this end, the analytical focus lies on the operationalization of the categories of Pre-constructed, Metaphor, Paraphrase and/or Subject-position. The analysis shows that the resumption of slogans such as “Brazil is back” operates as a mechanism of Paraphrase that seeks to reinscribe the country on the international scene from an anti-liberal ideological formation. Finally, it demonstrates a discourse that reaffirms the Discursive Formation of the Global South, in which the enunciator configures himself as the spokesperson for a new geopolitical alignment that unveils ideological struggle.

Keywords: Discourse Analysis; Michel Pêcheux; Discursive Formation; Geopolitics; Luiz Inácio Lula da Silva.

¹Mestra em Letras – Linguística, Universidade Federal do Tocantins (UFT). zukleiacabral01@gmail.com.

Autor convidado.

INTRODUÇÃO

O discurso proferido pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 78ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro de 2023, constituiu-se como um evento enunciativo de inegável relevância política e histórica. O pronunciamento evidencia o reposicionamento do Brasil no cenário global, tornando-o um objeto privilegiado para a investigação entre língua, ideologia e história.

Neste contexto, o presente artigo se propõe a analisar esse discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux. Parte-se da premissa fundamental de que a língua não é um sistema neutro, mas uma materialidade permeada pela ideologia e pela história (Pêcheux, 2009). Tal consideração remete à clássica dicotomia *langue/parole* definida por Saussure (2012).

Pêcheux consolidou a Análise do Discurso de linha francesa a partir da década de 1960. Embora as vertentes de pensamento permeiem situações distintas, o resultado dos questionamentos provê contribuições essenciais para o campo da linguística: a língua enquanto estrutura encontra-se delineada na visão de Saussure, já Pêcheux apresenta a AD focada na formação discursiva e na formação ideológica.

Além disso, este estudo se ancora em desdobramentos recentes da Análise do Discurso no Brasil, em especial nas proposições de Soares sobre percurso discursivo, já-dito e unidades de discurso, que permitem refinar a observação dos efeitos de evidência no discurso político contemporâneo (SOARES, 2018a, 2018b, 2022).

O presente trabalho está estruturado em seções que partem da contextualização até a análise específica. A Seção 1 estabelece um breve apanhado histórico sobre o processo de nomeação; a Seção 2 fundamenta as concepções de discurso, sujeito e ideologia em Michel Pêcheux; e a Seção 3 traz a aplicação prática com a análise do pronunciamento, onde os conceitos de formação discursiva, paráfrase e sentidos são postos para desvelar as marcas ideológicas presentes. Por fim, apresentam-se as conclusões, relacionando os objetivos iniciais aos resultados alcançados.

Para tanto, a análise discursiva é tecida a partir de um recorte metodológico de 04 (quatro) excertos, permitindo o levantamento dos conceitos trabalhados para investigar a produção de sentidos, conforme determinam os aportes da ideologia e da história.

Isso ocorre porque a compreensão do que é dito tem referência com os aspectos sociais e econômicos, em face da subjetivação e da posição de quem fala. Diante disso, as questões que orientam esta pesquisa são: como o sujeito-Lula se constitui discursivamente como líder do “Sul Global” e de que maneira os enunciados presidenciais desnaturalizam o “óbvio” democrático e da desigualdade?

O objetivo geral é desvendar essa produção de sentido e a determinação ideológica no discurso através de uma metodologia qualitativa e interpretativa. Estabelece-se um protocolo analítico baseado na identificação de Sequências Discursivas (SDs) e na mobilização explícita das categorias de Formação Discursiva, Pré-construído, Paráfrase, Metáfora e Posição-sujeito. A análise operacionaliza-se por meio desses recortes, compreendidos como unidades que materializam o funcionamento do interdiscurso. Cada SD selecionada permite compreender a Formação Discursiva em que o sujeito-Lula se inscreve, identificando como esses mecanismos agem sobre a memória discursiva para produzir novos efeitos de sentido. A articulação entre SDs e categorias analíticas acompanha a proposição de percurso discursivo em Soares, entendida como uma forma de seguir os encadeamentos de sentidos em diferentes unidades de discurso (SOARES, 2018a).

Portanto, a categoria como a Paráfrase consta para compreender a estabilização de sentidos, enquanto a Metáfora é operacionalizada para desvelar os deslocamentos e as rupturas ideológicas verificadas. Ao articular teoria e método de forma indissociável, esta pesquisa busca desnaturalizar o “óbvio” dos sentidos e revelar as marcas históricas que sustentam a fala do Presidente.

1. COMPREENSÃO DO PROCESSO DO ATO DE NOMEAÇÃO

A análise do discurso de linha francesa, consolidada por Michel Pêcheux, propõe uma ruptura com o estruturalismo clássico ao considerar que o processo de produção de sentidos é inseparável da história, da ideologia e da constituição do sujeito. Diante disso, enquanto a linguística busca observar a língua como um sistema neutro, Pêcheux aduz que no discurso as posições sociais e as relações de poder determinam o que pode e deve ser dito.

Assim, para compreender a complexidade no pronunciamento do Presidente Lula na ONU, é necessário identificar que a nomeação está inserida no contexto do inter-

pretar. De acordo com Orlandi (2015), existe uma distinção fundamental entre a nomenclatura e a designação “Por exemplo, a palavra “terra” não significa o mesmo para um índio, para um agricultor sem terra e para um grande proprietário rural” (ORLANDI, 2015, p. 44-45) A designação é o processo pelo qual o sujeito inscreve o nome em uma rede de sentidos afetada pelo campo político, pelas vivências e pela história. Assim, quando Lula utiliza termos como "Sul Global" ou "desigualdade extrema", ele não está apenas nomeando objetos neutros, mas operando um processo de designação ideológica que busca confrontar a ordem hegemônica.

Nesse sentido, Bakhtin (2006) retoma a atuação dos sacerdotes, por serem os primeiros filólogos que dimensionaram o poder da linguagem, a qual consegue ter o controle do saber, sendo que essa perspectiva ressoa até nos dias contemporâneos, nos discursos técnicos.

Trazendo essa discussão para a temática do discurso político, Courtine (2014) fundamenta que a nomeação se apresenta como um dispositivo que possibilita o protagonismo dos sujeitos. No discurso de Lula na ONU, verifica-se que ele desafia a interpretação das potências geopolíticas, quando designa o Sul Global como um bloco de resistência. Nesse liame, Lula identifica grupo de países e ainda, constrói a *persona* de um ator político/coletivo dotado de uma vertente histórica. Ou seja, tem-se aí a posição de um sujeito específico, diante do discurso neoliberal.

Constata-se que o ato de nomear parte um labor intelectual que pode se tornar uma estratégia de engajamento político. Nessa pesquisa isso ocorre por meio das escolhas lexicais de Lula, ao designar, por exemplo, que o Brasil é um país que “está de volta”. Assim, os discursos utilizados descrevem os aspectos históricos vivenciados pelos sujeitos.

Para tanto, o ato de nomear “nós, países em desenvolvimento” em contrapartida com “eles, os mercados”, são pontos de partida para a investigação de marcas ideológicas. Nas seções seguintes, essas categorias serão apresentadas para efetivar a materialidade linguística dos excertos selecionados, evidenciando como a nomeação constrói posições de sujeito e revela a luta de classes que permeiam os dizeres políticos.

2. MICHEL PÊCHEUX: DISCURSO, SUJEITO E IDEOLOGIA

Michel Pêcheux (1938–1983), foi um filósofo francês que contribui para a articulação do estruturalismo linguístico de Saussure, ao apresentar uma linha de pensamento crítico com recortes históricos em (Marx, Althusser) e com a psicanálise (Lacan). Segundo Pêcheux (2009, p. 82), “O discurso é o efeito da língua no movimento de sua enunciação, atravessado pelas condições de produção e pela interpelação ideológica”. E ainda, que “O real existe, necessariamente, independentemente do pensamento e fora dele, mas o pensamento depende necessariamente, do real, isto é, não existe fora do real” (PÊCHEUX, 1995, p. 255).

O valor linguístico foi determinante nas discussões de Michel Pêcheux, o qual discorreu sobre o valor do sentido do discurso, com o escopo de superar a dicotomia da *langue* (sistemas de regras que determinam uma língua) e da *parole* (uso individual da língua, pelos falantes), assim apresentados por Saussure. Nesse sentido, Pêcheux introduziu o Discurso como o terceiro termo que articula a língua à Ideologia e à História.

Durante as aulas da Disciplina de Análise do Discurso², foram abordadas as teses de Pêcheux, o qual utilizou alguns dos princípios lógicos e filosóficos da Gramática de Port-Royal, para construir sua própria teoria sobre como o sentido e o sujeito se articulam na linguagem. Por meio dos debates foi possível compreender, por exemplo, como Pêcheux construiu a Análise do Discurso, principalmente pelas teorias discutidas na obra “*Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (PÊCHEUX, 1995)”, de forma que gerou uma ressignificação das compreensões acerca dos discursos e acerca da matéria linguagem.

Acerca da explicação, Pêcheux aduz que:

(...) a lógica (e a “teoria do conhecimento” que lhe corresponde) é o fundamento primeiro, e a “arte de falar” não tem outra finalidade senão a de se conformar às regras que a constituem, enquanto regras imanescentes à própria ordem das essências. Nessa perspectiva, o bom uso da palavra é o de reconduzir o sujeito às verdades do mundo das essências, a “arte de falar” é constitutivamente uma pedagogia: a explicação torna-se assim aquilo pelo que se reabsorve o desencontro entre o meu pensamento e os seres aos quais meu discurso se refere (...) (PÊCHEUX, 1995, p. 45).

² Afirma-se que as discussões de cunho filosófico e exemplificativos aqui apresentadas são, em certa medida, permeadas por conceitos oriundos da filosofia, frequentemente mobilizados ao longo do trabalho. Tais conceitos decorrem, em grande parte, de enunciações extraídas das aulas ministradas pelo Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares (Universidade Federal do Tocantins), no segundo semestre letivo de 2025, durante a disciplina *Análise do Discurso — Elementos Técnicos e Metodológicos*, voltada a discentes dos cursos de mestrado e doutorado do Programa PPGLetras.

A análise aqui empreendida rompe com a ideia de neutralidade da linguagem, assumindo que os enunciados trazem em sua essência um teor ideológico. Mesmo quando o indivíduo considera estar reafirmando o “óbvio”, seu enunciado se veste das condições de ideologia. Conforme os ideários de Pêcheux, os sentidos não são fixos, mas determinados pelas condições históricas, econômicas e sociais de sua produção. Nesse sentido, a instabilidade semântica que Pêcheux descreve encontra desdobramento na proposta de Soares de tratar unidades de discurso como “voz” e “sucesso”, acompanhando seus deslocamentos em diferentes formações discursivas (SOARES, 2018b, 2019). Essa concepção dialógica é herdeira da perspectiva de que:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polémica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN, 2006, p. 94).

Nesta pesquisa, a progressão de fala é observada no modo como Lula responde ao interdiscurso diplomático anterior. O sentido de palavras como “trabalho” ou “democracia” tende a mudar conforme a posição ideológica de quem fala. Assim, assume-se que não há sentido fora da ideologia, e o discurso é construído por memórias que se reinscrevem sob o conflito. O pensamento do “óbvio” (de como o “óbvio democrático” ou o “óbvio da desigualdade” presentes no *corpus*), busca naturalizar sentidos para inviabilizar o questionamento de formações discursivas, por vezes, dominantes. Tal funcionamento remete ao modo como o discurso do sucesso, analisado por Soares, se sustenta em já-ditos e pré-construídos que apresentam certos modos de ser como evidentes e desejáveis (SOARES, 2018b).

Pêcheux (2009) destaca que a condição social deve ser examinada pelo discurso político, uma força constitutiva que molda a sociedade. Ao interpelar os indivíduos em sujeitos, a ideologia faz com que estes acreditem ser a fonte do que dizem, quando na verdade são efeitos de uma estrutura: “O sujeito não é origem do sentido, mas efeito da ideologia, que o constitui como se fosse dono de suas palavras” (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Para tornar a AD efetiva neste trabalho, operam-se especialmente cinco categorias centrais: a Formação Discursiva, o Pré-construído, a Paráfrase, a Metáfora e a Posi-

ção-sujeito. A Formação Discursiva define o que "pode e deve ser dito" em uma conjuntura (PÊCHEUX, 2009). No caso de Lula na ONU, sua FD é caracterizada pelo lugar de fala de um presidente do Sul Global em um fórum multilateral. O pré-construído remete a algo anteriormente construído, como a ideia de que "o Brasil está de volta". Esse enunciado articula o que já foi dito para sustentar uma evidência ideológica dominante. Por conseguinte, a Posição-sujeito define o lugar social de "porta-voz do Sul Global" de onde ele extrai sua legitimidade, falando não apenas como chefe de Estado, mas como representante das nações em desenvolvimento ao cobrar o financiamento climático dos países ricos.

A Paráfrase consta para evidenciar movimentos de repetição ao dizer "o mesmo" sob diferentes formas, como ao insistir na ideia de "reduzir as desigualdades" e "combater a fome" em vários momentos do texto, o que reafirma a aplicação do teor ideológico do discurso.

Por sua vez, a Metáfora, mecanismo este que permite a ampliação de sentidos: ao descrever o Conselho de Segurança como uma estrutura de "paralisia" e "anacronismo", Lula traduz uma questão técnica institucional configurada em uma urgência ética, produzindo o efeito de novidade e transformando a estrutura discursiva em um potente instrumento de persuasão política.

Nesse sentido, Pêcheux esclarece a relação existente entre a estrutura lógica e a retórica presentes nos discursos:

Na realidade, essa oposição condensa e exhibe no domínio "linguístico" os efeitos da dualidade Lógica/Retórica [...] considerações sobre a relação entre objeto e propriedades do objeto, entre necessidade e contingência, entre objetividade e subjetividade (PÊCHEUX, 1995, p. 28).

Dessa forma, as palavras e proposições recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. Os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas correspondentes (PÊCHEUX, 1995, p. 160-161).

Diante do exposto, compreende-se que a linguagem não é uma transmissão constante, mas o lugar onde realidade e ideologia se interlaçam. Como assevera Soares (2019, p. 270), as unidades do discurso possuem flexibilidade e trazem à tona "uma multiplicidade de sentidos sobre a voz, suas ancoragens discursivas e seu fundamental

papel social". Ao analisar o discurso de Lula, busca-se identificar não o óbvio, mas como as formas do silêncio (ORLANDI, 2007) e as paráfrases estruturam o cenário político nacional e internacional.

Por conseguinte, a compreensão do funcionamento discursivo na Assembleia Geral da ONU exige um olhar atento para a mobilização de categorias que transcendem a superfície textual. De acordo com Orlandi (2015, p. 6), "O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando". Nisso, a essência da AD se apresenta para esclarecer que o discurso não é um objeto estático, mas que a palavra se movimenta para evidenciar a prática social, que se traduz em sentidos. Dessa forma, quando o sujeito discursivo analisa-se o sentido de suas palavras e as relações entre o indivíduo, a língua e os aspectos experienciados.

Trazendo essas concepções da construção do discurso para as fundamentações de Charaudeau e Maingueneau, tem-se que o ethos "designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário" (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 220). O orador utiliza de ferramentas que evidenciam sua intenção e finalidade. No caso do discurso de Lula, as cenas de enunciação são as de um líder do "Sul Global, que utiliza da retórica para influenciar o ouvinte. Assim, ainda que Lula não explicita ser um ethos de "conciliador global", ainda assim essa é a ideia que deixa transparecer, por meio das escolhas lexicais e da sua posição-sujeito, na ONU. A imagem de si construída pelo locutor se materializa não apenas nos traços lexicais, mas também na organização da voz enquanto unidade de discurso, tal como discute Soares ao analisar os sentidos da voz e seu papel social (SOARES, 2019).

Portanto, essas são as características que conferem ao Presidente uma legitimidade e autoridade mediante um discurso político e midiático, que busca deixar marcas de uma gestão que valora os valores, a democracia e o senso de justiça. Após tecer discussões que abordam os ideários de Michel Pêcheux, acerca do discurso, do sujeito e da ideologia, passa-se então a apresentar os aspectos e metodológicos e, posteriormente, à análise prática das teorias delineadas. Complementarmente, a noção de percurso discursivo proposta por Soares permite acompanhar como já-ditos e pré-construídos se atualizam em diferentes unidades de discurso, saturando certos sentidos e produzindo efeitos de evidência que naturalizam formações ideológicas específicas (SOARES, 2018a).

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo e interpretativo, fundamentado na Análise do Discurso de linha francesa, tal como propõe Michel Pêcheux. A análise fundamenta-se na relação intrínseca entre o texto e sua exterioridade, considerando que os sentidos são determinados pelas condições de produção.

O dispositivo analítico focaliza o cenário de "reconstrução" institucional do Brasil após o governo Bolsonaro, marcado pelo esforço de superação do isolamento diplomático e pela reabilitação da imagem do país no exterior. Esse contexto é ainda efervecido por pressões globais, como os conflitos geopolíticos na Ucrânia e em Gaza, além da urgência da crise climática, que impõem ao anunciador a necessidade de um posicionamento assertivo específico: a tribuna da ONU, que exige um *ethos* de liderança multilateral.

O *corpus* é constituído pelo pronunciamento do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 78ª Assembleia Geral da ONU (2023), do qual foram recortadas 04 (quatro) Sequências Discursivas representativas. A seleção desses excertos justifica-se por sua capacidade de materializar a Formação Discursiva do "Sul Global" como um bloco de resistência antineoliberal. Cada SD foi recortada estrategicamente para moldar e operacionalizar categorias centrais da AD: o pré-construído (na mobilização de conceitos como democracia e soberania), a paráfrase e a metáfora (no exame dos deslizamentos de sentido sobre o Estado e o mercado) e a posição-sujeito (na constituição do sujeito-Lula como porta-voz das nações em desenvolvimento). Este percurso metodológico permite desnaturalizar o "óbvio" técnico e revelar a luta ideológica subjacente, conectando a materialidade linguística ao recorte histórico do discurso. Tal recorte se articula à noção de percurso discursivo, entendida como a trajetória de sentidos que se atualiza em recortes sucessivos, apoiada em já-ditos que produzem efeitos de evidência (SOARES, 2018a).

4. ANÁLISE DO PRONUNCIAMENTO DE LULA NA 78ª ONU

Após os ensaios, cujo esboço teórico reside nas teorias dos estudos linguísticos de Pêcheux, essa Seção elege como objeto de análise excertos dos discursos³ do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na Abertura do Debate Geral da 78ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), realizado em Nova York, em setembro de 2023.

Importa investigar a produção de sentidos da voz e dos enunciados, conforme determinam os aportes da ideologia e da história, diante de temas centrais e específicos. Isso porque a compreensão do que é dito e vozeado, tem referência com os aspectos sociais, históricos e econômicos, em face da subjetivação e a posição de quem ocupa o lugar de fala, desembocando em um processo de cossignificação⁴. A noção de cossignificação aqui proposta dialoga com a ideia de que a voz é sempre atravessada por percursos discursivos coletivos, historicamente sedimentados (SOARES, 2022).

Nesse sentido, constata-se que o ethos revela-se fundamental, no cerne desses debates. Essa concepção se efetiva em razão do discurso, que não apenas transmite informações, mas encena uma imagem de si que confere autoridade ao dizer. No caso deste estudo, o ethos de líder do Sul Global projetado por Lula na ONU funciona como o suporte necessário para que suas designações políticas ganhem legitimidade perante a comunidade diplomática.

Diante disso,

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, *determina o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Pêcheux afirma que o discurso se apresenta como um campo histórico-ideológico, que determina o que pode e deve ser dito pelo indivíduo. Entretanto, o que o sujeito diz é marcado por lutas de classes, relações sociais e históricas. Outrossim, o discurso não se trata de uma escolha puramente individual, mas sim, de uma estrutura complexa de poder, que determina o falante.

³ O discurso, na íntegra, está disponibilizado no link <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-na-abertura-da-78a-assembleia-da-onu>. Acesso em: 17 out. 2025.

⁴ Importa dizer que a produção de sentido é bem apresentada na AD, todavia, o termo "cossignificação" aqui suscitado faz parte de uma escolha conceitual, considerando que o discurso de Lula na ONU é complexo e resulta de um processo coletivo, o qual foi ideologicamente determinado.

FIGURA 1 – Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª Assembleia da ONU.

Sequência Discursiva	“Se hoje retorno na honrosa condição de presidente do Brasil, é graças à vitória da democracia em meu país. A democracia garantiu que superássemos o ódio, a desinformação e a opressão. A esperança, mais uma vez, venceu o medo. Nossa missão é unir o Brasil e reconstruir um país soberano, justo, sustentável, solidário, generoso e alegre. O Brasil está se reencontrando consigo mesmo, com nossa região, com o mundo e com o multilateralismo. Como não me canso de repetir, o Brasil está de volta” (BRASIL, 2023).
-----------------------------	---



Fonte: CONNECTAS (2023).

Com o fulcro de iniciar as análises do discurso do Presidente Lula, destaca-se que a constituição do *corpus* se deu em razão do acesso ao discurso e da análise da materialidade linguística e na identificação da sequência discursiva considerada relevante, bem como dos temas abordados na fala, para o recorte do estudo em comento.

Para tanto, na imersão interdiscursiva e ideológica eleita pelo pronunciador da fala, convém delinear e analisar as escolhas lexicais e as metáforas aí empregadas pelo sujeito-Lula. Desse modo, sem mais delongas, determina-se interpretar, a seguir, 04 (quatro) excertos, com falas do sujeito-Lula:

Excerto 1:

Categoria	Posição Sujeito, Paráfrase e Pré-construído.
Texturização	<p>(i) Posição-Sujeito: O sujeito-Lula se coloca em uma posição de quem venceu pela democracia. Todavia, amplia essa concepção partindo do “eu presidente” para o “nós” (nação). O uso do possessivo em “Nossa missão” e o reflexivo “consigo mesmo” materializam o interpelamento do alocutário: o sujeito não fala sozinho, ele insere o povo brasileiro na cena da reconstrução.</p> <p>(ii) Paráfrase: A expressão “Como não me canso de repetir” é uma marca de heterogeneidade enunciativa. Ela sinaliza que o enunciado “O Brasil está de volta” já circula no interdiscurso (memória). Ao repetir um <i>slogan</i> de campanha nacional em uma tribuna internacional (ONU), o sujeito-Lula opera uma paráfrase que busca consolidar o sentido de normalidade institucional.</p> <p>(iii) Pré-construído: A “vitória da democracia” é apresentada como um pré-construído, um dado inquestionável que serve de base para todo o restante do discurso. Ela funciona como a “verdade” que sustenta a ruptura entre o ódio (passado) e a esperança (presente).</p>

A análise da primeira Sequência Discursiva (Excerto 1) revela um funcionamento marcado pela ruptura e pela memória, instaurando uma formação discursiva que define um “antes” (o ódio e a opressão) e um “depois” (a vitória da democracia). A materialidade enunciativa evidencia essa clivagem temporal através do uso do pretérito “superássemos”, que projeta o governo anterior para um passado a ser superado, em oposição ao presente do indicativo em “Nossa missão é unir”, que convoca a urgência do agora.

A escolha do pronome possessivo em “Nossa missão” funciona como uma estratégia de interpelamento do alocutário, onde o sujeito-Lula apaga a individualidade para se inscrever em uma posição-sujeito de líder coletivo. Ao designar o país através de adjetivos como “soberano, justo e sustentável”, o enunciador não apenas descreve metas, mas aciona marcas ideológicas que desnaturalizam o distanciamento e reinscrevem o Brasil em uma perspectiva progressista e humanista.

Além disso, a recorrência do enunciado “Como não me canso de repetir, o Brasil está de volta”, demonstra o funcionamento do eixo da paráfrase na Análise do Discurso. Essa repetição provoca marcar a memória discursiva que retoma um *slogan* interno para estabilizá-lo como um pré-construído no cenário internacional. Ao analisar a ideia da efetivação da democracia os sentidos do pré-construído objetivam apagar a imagem internacional negativa deixada pelo governo anterior, considerando o “antes” do ódio e isolamento.

Ademais, ao dizer que o Brasil está se “reencontrando consigo mesmo”, o sujeito a diplomacia do país. Essa encenação produz um ethos (MAINGUENEAU, 2008)

de autoridade restaurada, onde a figura do Presidente utiliza da paráfrase para fundamentar a nova era como um retorno à ordem democrática legítima, transformando o acontecimento discursivo em um ponto de corte histórico e ideológico frente à tribuna da ONU.

Excerto 2:

Sequência Discursiva	O racismo, a intolerância e a xenofobia se alastraram, incentivadas por novas tecnologias criadas supostamente para nos aproximar. Se tivéssemos que resumir em uma única palavra esses desafios, ela seria desigualdade. A desigualdade está na raiz desses fenômenos ou atua para agravá-los (BRASIL, 2023).
Categoria Dominante	Metáfora; Posição-Sujeito.
Texturização	(i) Metáfora: Ao reduzir fenômenos complexos (racismo, xenofobia) à palavra “desigualdade”, o sujeito opera um deslizamento semântico (ou seja, uma alteração gradual do sentido da palavra/expressão). (ii) Posição-Sujeito: O sujeito se posiciona de forma crítica. O uso do condicional "se tivéssemos" constrói um ethos de prudência, que introduz uma interpretação ideológica. Seu discurso define o ethos de Chefe de Estado, que destaca aspectos de disfunção do uso das tecnológicas, quando estas veiculam condições de racismo, intolerância e xenofobia.

A segunda Sequência Discursiva (Excerto 2) evidencia um deslizamento semântico de forma estratégica, com o objetivo de reduzir termos amplos, como o racismo e a xenofobia, de forma que o sujeito-Lula os encaixa na categoria de “desigualdade” entre os indivíduos. Nesse caso, o cerne da questão traz esses termos como sendo a “raiz” desses males, de forma que evidencia características metafóricas. Do mesmo modo, a modalização “se tivéssemos”, efetiva uma polidez na construção de um ethos de estadista, conforme preconiza Maingueneau (2008). Nesse sentido o ethos de Lula não é apenas o de um presidente, mas o de um porta-voz de um bloco geopolítico. Tratam-se de escolhas linguísticas, de viés ideológica, pronta para questionar o silenciamento crítico acerca do contexto digital neoliberal.

Pelo exposto, a agentividade do sujeito que discursa, este manifesta propriedade e capacidade para renomear os desafios globais, saindo do debate superficial e se ampliando para as estruturas das causas. O termo “atua para agravá-los” apresenta ser um ponto de fixação que retoma a memória discursiva de luta e de resistência, o que denota trazer a imagem do Brasil como a de um país crítico diante das assimetrias apresentadas pelas tecnologias modernas. São perspectivas de desnaturalizar o “óbvio” das crises

vivenciadas, tendo como ferramentas, o discurso e sua carga lexical, próprias do sujeito-Líder, que propõe a partir daí, uma releitura dos problemas do século XXI.

Excerto 3:

Sequência Discursiva	A emergência climática torna urgente uma correção de rumos e a implementação do que já foi acordado. Não é por outra razão que falamos em responsabilidades comuns, mas diferenciadas. São as populações vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelas perdas e danos causados pela mudança do clima. Os 10% mais ricos da população mundial são responsáveis por quase a metade de todo o carbono lançado na atmosfera. Nós, países em desenvolvimento, não queremos repetir esse modelo (BRASIL, 2023).
Categoria Dominante	Posição-Sujeito; Paráfrase; já-dito.
Texturização	(i) Posição-Sujeito: O pronome "Nós" em oposição aos "10% mais ricos" marca uma clivagem ideológica profunda. O sujeito fala a partir da posição de representante do "Sul Global", transformando a vulnerabilidade em um lugar de fala político e de exigência. (ii) Paráfrase e Já-dito: A expressão "responsabilidades comuns, mas diferenciadas" é uma paráfrase de textos normativos internacionais (como o Protocolo de Quioto). O sujeito reativa esse já-dito diplomático para confrontar o Norte Global, usando a própria linguagem da ONU para cobrar justiça climática. É a memória técnica servindo à luta política.

A SD (Excerto 3) busca estabelecer uma construção pronominal de resistência, em que o pronome “Nós” (sinalizando os “países em desenvolvimento”) indicam a inclusão do sujeito-Lula em uma formação discursiva anticolonial e solidária com o Sul Global. Nesse sentido, esse pronome não apenas traz uma designação coletiva, mas também se torna um instrumento de interpelamento para estabelecer os limites entre a identidade e a alteridade: de um lado, o “nós” (afetados pelas mudanças climáticas e protagonistas da transformação); do outro, o "outro" (os "10% mais ricos"), identificados como os responsáveis pela crise. Esse funcionamento se aproxima do que Soares descreve como saturação de já-ditos, que recompõem efeitos de evidência e estabilizam sentidos em determinados campos discursivos (SOARES, 2018a).

Esse funcionamento pronominal do “nós” inclusivo pode ser lido como parte de um percurso discursivo que, à maneira do “discurso do sucesso” descrito por Soares, reorganiza a relação entre sujeitos e coletividade, convocando o auditório a integrar uma forma específica de comunidade política (SOARES, 2018b).

Outrossim, ao empregar a expressão "responsabilidades comuns, mas diferenciadas", o sujeito-Lula busca denunciar a desigualdade de poder. A retórica em debate esclarece aspectos da desigualdade climática, com carga semântica da palavra “emergên-

cia”, prontos para justificar a necessidade urgente de reestruturação sistêmica. É ponto de atenção também, a expressão "não queremos repetir esse modelo", a qual indica uma posição-sujeito que rejeita a atuação do Norte Global, posto que o Sul Global é a parte mais impactada.

Vê-se aí a determinação do Presidente que utiliza do espaço na tribuna para rechaçar o cenário da desigualdade em prol da responsabilidade ambiental, refletindo as problemáticas de forma que fique esclarecida a necessidade de uma mudança de cenário.

Excerto 4:

Sequência Discursiva	Repudiamos uma agenda que utiliza os imigrantes como bodes expiatórios, que corrói o Estado de bem-estar e que investe contra os direitos dos trabalhadores. Precisamos resgatar as melhores tradições humanistas que inspiraram a criação da ONU. Políticas ativas de inclusão nos planos cultural, educacional e digital são essenciais para a promoção dos valores democráticos e da defesa do Estado de Direito. É fundamental preservar a liberdade de imprensa. Um jornalista, como Julian Assange, não pode ser punido por informar a sociedade de maneira transparente e legítima. Nossa luta é contra a desinformação e os crimes cibernéticos (BRASIL, 2023).
Categoria Dominante	Metáfora; Posição-sujeito; Já-dito.
Texturização	<p>(i) Metáfora: O uso de "bodes expiatórios" e "corrosão do Estado" materializam uma crítica à agenda neoliberal. Essas metáforas desnaturalizam a "voz dos mercados", já que não são neutros, apresentam falhas morais e políticas.</p> <p>(ii) Posição-Sujeito (Exigência de Exterioridade): Ao citar Julian Assange, o sujeito-Lula traz um elemento do exterior para dentro da cena diplomática. Isso consolida um ethos de coragem moral, onde Lula se posiciona não apenas como presidente, mas como um defensor universal dos valores democráticos (como a liberdade de imprensa), desafiando as grandes potências no seu próprio território.</p> <p>(ii) Já-dito: Ao dizer que as responsabilidades são “comuns, mas diferenciadas”, o sujeito aciona um já-dito diplomático (Protocolo de Quioto), todavia, o ressignifica politicamente. O silêncio sobre quais países compõem os "10% mais ricos" é estratégico: ele ataca a estrutura do sistema sem precisar nomear nações específicas, preservando a diplomacia, mesmo quando marca uma crítica social pertinente.</p>

A análise da quarta Sequência Discursiva (Excerto 4) mostra a utilização de metáforas para desnaturalizar a agenda neoliberal e seus impactos sociais. As expressões "bodes expiatórios" e "corrói o Estado" funcionam como metáforas de deterioração, retratando as políticas de austeridade e o sentimento anti-imigração como doenças que desintegram o tecido social e comprometem o bem-estar coletivo.

Essas metáforas elevam a discussão econômica para o âmbito da moralidade e da saúde pública, permitindo que o sujeito-Lula rejeite uma agenda que comprometa os direitos dos trabalhadores. Ao clamar pelo resgate das "melhores tradições humanistas",

o enunciador cria um contraste entre a "erosão" atual e a base ética da ONU, inserindo seu discurso em uma formação discursiva de resistência, para recuperar a dignidade do Estado de Direito.

O caso de Julian Assange⁵ foi um exemplo de demarcação de fala destacado pelo enunciado de Lula, o qual apresentou em tela a ameaça à liberdade de imprensa. O trabalho do jornalista consta em “informar a sociedade de maneira transparente e legítima”, conforme afirmou o presidente e, seu discurso teve por objetivo combater a desinformação.

Em seu pronunciamento, o sujeito-Lula se posiciona como um defensor da liberdade de imprensa, quando afirmou que "Nossa luta é contra a desinformação e os crimes cibernéticos", estabelecendo seu posicionamento de defesa da verdade e da ordem digital. Seu ponto de fala estabelece a defesa da justiça social ao mesmo tempo que demarca seu campo ideológico de forma pontual e definida. Ao apoiar a liberdade de imprensa neste caso particular, Lula cria um ethos de bravura moral (MAINGUENEAU, 2008), apresentando-se como um líder destemido diante das forças que reprimem a transparência.

Constata-se que a utilização de verbos de ação e obrigação, como "não pode ser punido" e "nossa luta é contra", enfatiza a agentividade de um indivíduo que se posiciona na linha de frente da defesa democrática universal.

Dessa forma, o caso Assange transcende sua condição de mera referência individual e se transforma em um ícone da batalha contra a desinformação e a opressão, reforçando o reposicionamento do Brasil como um defensor firme dos direitos humanos e da liberdade de expressão no cenário global.

Portanto, mediante a cisão das interpretações emergidas, é possível ao sujeito deslocar-se do seu lugar de fala e passar a ouvir o outro. A Análise do Discurso se apresenta como uma ferramenta muito importante para a compreensão dos lugares de fala, pois fornece condições de verificabilidade do discurso, do interdiscurso (o que já foi dito), e o intradiscurso (o que está sendo dito) e do sujeito ideológico, o qual seleciona as palavras que vai utilizar e para qual objetivo vai utilizá-las ou não. As escolhas lexi-

⁵ A libertação de Julian Assange, fundador e editor australiano do WikiLeaks, ocorreu somente em 24 de junho, após cinco anos na prisão de Belmarsh e sua liberdade foi condicionada: ele se declarou culpado por conspiração para obter e divulgar informações confidenciais dos Estados Unidos (Observatório da Imprensa, 2024).

cais se traduzem na produção de sentidos, conforme constatado no pronunciamento de Lula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As epifanias analíticas geradas por esta pesquisa possibilitaram identificar, por meio da análise do discurso, como ocorrem as dinâmicas de poder, os conflitos ideológicos e os silenciamentos estratégicos que fundamentam o texto. A análise das Sequências Discursivas do discurso do Presidente Lula na 78ª Assembleia Geral da ONU revela que a materialidade linguística não funciona como um meio neutro de transmissão de informações.

Alinhado ao título deste estudo, o percurso analítico demonstrou como o sujeito-Lula desnaturaliza o “óbvio” diplomático, convertendo expressões consolidadas em eixos de denúncia e reposicionamento geopolítico. Por meio da agentividade do 'nós' inclusivo, o locutor opera uma convocação ideológica que estabelece uma barreira de resistência contra a elite econômica global. Essa marca pronominal retira o Brasil da passividade histórica, inscrevendo-o em uma Formação Discursiva antineoliberal e anti-colonial.

Diante disso, a reativação da memória discursiva ocorre via metáforas, paráfrases e pré-construídos, como o slogan 'O Brasil está de volta', que simboliza a restauração institucional. Ao utilizar a heterogeneidade enunciativa ('como não me canso de repetir'), o sujeito-Lula reforça uma evidência ideológica que apaga o hiato do governo anterior. Tais recursos consolidam um ethos que rompe com o silêncio diplomático, redistribui o poder de interpretação e reivindica para o Brasil a posição de sujeito soberano do discurso na tribuna internacional.

Dessa forma, os resultados apresentados aqui confirmam a tese de Pêcheux de que a produção de sentido está intrinsecamente ligada à determinação ideológica, histórica e política. Os sentidos do discurso possuem um efeito instável, que dependem das condições nas quais os enunciados são/foram construídos e isso os tornam inseparáveis da história e da ideologia. Essa compreensão dos sentidos como instáveis e historicamente determinados converge com os estudos de Soares sobre o discurso do sucesso e sobre a voz como unidade discursiva, nos quais se evidencia como o já-dito e os pré-

construídos sustentam efeitos de naturalização em diferentes formações discursivas (SOARES, 2018b, 2022).

Contudo, estas discussões são complexas e permitem ampliar pesquisas futuras que possam se debruçar, por exemplo, sobre a análise de dizeres de líderes políticos em diferentes conjunturas históricas e diferentes tribunas, no Brasil e no exterior, importantes para refinar a compreensão dos mecanismos de significação e paráfrase que estruturam tanto o cenário político nacional quanto o internacional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na abertura da 78ª **Assembleia Geral da ONU**. Nova York, 19 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-na-abertura-da-78a-assembleia-da-onu>. Acesso em: 17 out. 2025.

CNN Brasil. Guerra em Gaza contribuiu para pico de pessoas deslocadas no mundo, diz ONU. **São Paulo**, 13 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-em-gaza-contribuiu-para-pico-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-diz-onu/>. Acesso em: 20 out. 2025.

CNN Brasil. Alterações climáticas vão provocar mais deslocamentos na América, alerta ONU. **São Paulo**, 20 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/alteracoes-climaticas-vao-provocar-mais-deslocamentos-na-america-alerta-onu/>. Acesso em: 20 out. 2025.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**. São Carlos: Editora UFSCar, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008.

MULTILATERALISMO. In: AULETE Digital. Rio de Janeiro: **Lexikon Editora Digital**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/multilateralismo>. Acesso em: 19 out. 2025.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. A soltura de Julian Assange e a luta pela liberdade de imprensa. [S.l.], 4 jul. 2024. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/justica/a-soltura-de-julian-assange-e-a-luta-pela-liberdade-de-imprensa/>. Acesso em: 20 out. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas: Pontes, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discursos contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (Org.). **Múltiplas perspectivas em Análise do Discurso**: objetos variados. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa. Sentidos da voz: uma análise das unidades de discurso presentes no campo da oratória. **Humanidades & Inovação**. v. 6, n. 8, 2019. Disponível em: <https://revista.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/929>. Acesso em: 10 out. 2025.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percurso discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes Editores.